**ENSINO DE ARTE A PARTIR DA PANDEMIA COVID-19:**

**CARTOGRAFIA DAS NARRATIVAS E REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DOCENTES NOS ENSINOS PÚBLICOS BÁSICO E SUPERIOR**

EMMANUELLE DIAS VACCARINI - SME-Niterói/Faculdade Iguaçu

Adriana Rocha Bruno - UNIRIO

Resumo

A pesquisa em tela se dá por meio do recorte de uma investigação, em nível pós-doutoral, sobre o ensino de Arte a partir da pandemia covid-19. Por meio da revisita às práticas desenvolvidas e às mudanças advindas com a integração dos recursos tecnológicos nestas aulas, são apresentadas narrativas de professores com o ensino de arte neste período e alguns desdobramentos. Participaram desta investigação cartográfica, quatro docentes de instituições públicas, do ensino básico e do superior. Os resultados sinalizaram dificuldades diversas vivenciadas pelos professores, desde a fome até o uso de tecnologias digitais. Poderiam, no entanto, fomentar desdobramentos singulares nas práticas docentes, com estas difíceis experiências, o que não se confirmou integralmente. Nessa direção, são apresentadas ponderações também a partir da disciplina desenvolvida pelas autoras, cocriada com a pós-graduação em Educação e a graduação em Pedagogia da UNIRIO, em movimentos a aulas decoloniais.

Palavras Chaves: Aulas decoloniais, Ensino de Artes, Docências contemporâneas.

**INTRODUÇÃO**

A complexidade humana não poderia ser compreendida dissociada dos elementos que a constituem: todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana. (Morin, 2011, p.49)

Com a chegada da pandemia covid-19 e a suspensão das atividades presenciais no campo da educação, toda a preocupação e reflexão em relação ao ensino de arte e fatores limitantes emergentes, como computadores e internet acessíveis para todos, trouxeram novas demandas, desafios e muitas dúvidas em relação ao currículo, aos instrumentos, as aulas teórico-práticas e a efetiva participação e retorno dos alunos em relação às propostas que seriam desenvolvidas. Formou-se uma rede de incertezas e necessidades de constantes adequações para a realidade vivida a partir daquele momento. Caminhos completamente novos e construídos aos poucos, com erros, acertos, afetos e muita empatia, se fizeram presentes, tanto para alunos, quanto para professores, entendendo as particularidades de cada envolvido no processo.

Com os novos desafios e deslocamentos das salas de arte e ateliês físicos para espaços online, pesquisas emergiram tanto da educação básica quanto do superior, como a que ora partilhamos.

Na área das artes, em que as linguagens são múltiplas e os atos da presença física são valorizados, narrativas envolvendo questões como acesso, continuidade nos estudos, recursos de ensino e produção artística, falas e escutas, aulas síncronas e assíncronas e novos locais de/para experimentações ganharam força, deflagrando incômodos suportados por plataformas digitais disponíveis.

Para Bruno (2007)

O encontro com o outro revela o encontro consigo mesmo e com sua completude. O diálogo vai além da simples troca mediada pela linguagem, pois procura, na integração com o outro, o nosso outro Eu. Nos ambientes de aprendizagem on-line, o processo de interação suscita o uso de uma linguagem cuidadosa, que convide o interlocutor ao diálogo.

A partir desse recorte temporal e temático, apresentamos um recorte da pesquisa realizada em pós-doutoramento, desenvolvida pelas autoras entre agosto de 2022 e setembro de 2023, sendo a primeira como pesquisadora principal e a segunda a supervisora do pós-doutorado.

A investigação em tela teve o objetivo de refletir de refletir sobre o ensino de arte a partir do período da pandemia covid-19, por meio de trocas narrativas com outros professores de arte do ensino público básico e superior.

Como processo desse percurso, destacamos duas experiências que compuseram a pesquisa e atravessarão este texto, com destaque para o segundo ponto: **1.** docências realizadas para estudantes da pós-graduação e da graduação, e em parceria do Grupo de Pesquisa Aprendizagens em Rede (GRUPAR-UNIRIO), por meio da disciplina "Afetos, partilhas/pertencimento e territórios de experimentação artística”, possibilitando ampliação de conhecimento com pontes construídas por diferentes saberes e na/para coletividade, vinculada à produção/expressão artística para uma docência decolonial; **2.** Análise reflexiva sobre os afetos e narrativas que emergiram no/do (re)encontro com outros docentes, aqui chamados pesquisados e o olhar para o ensino de arte a partir da pandemia.

1. **A pesquisa como movimentos de cocriação e a arte como disparadora**

No encontro com o outro fazemos pontes e construímos novos caminhos em busca de uma educação mais plural, interdisciplinar, decolonial e que possibilite educadores cada vez mais atentos a uma escuta afetiva para diferentes histórias que fazem parte do processo de formação. Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida foi processualmente coconstruída, com interlocução cotidiana entre os/as envolvidos, de modo respeitoso e afetuoso.

Na disciplina "Afetos, partilhas/pertencimento e territórios de experimentação artística", que atendeu estudantes de mestrado, doutorado e também da graduação, desenvolvemos reflexões, diálogo e experiências com as práticas docentes contemporâneas, compreendidas como territórios de afeto, de vivências e de experimentações artísticas, como elementos que atravessam/disparam ambiências de (trans)formação crítica, reconhecimento e pertencimento.

Romper com a estrutura fechada que nos empareda nas salas de aula ‘tradicionais’ foi um dos principais desafios e, para tal, cocriamos com os/as estudantes espaços outros de docências.

Acerca das docências, compreendemos em sua pluralidade:

Pluralizamos porque são muitas, mas sabemos que também são singulares, de cada um/a, de cada tempo, de cada contexto, de cada cenário. Tais docências se fazem com as culturas e hoje a cultura digital é uma das que nos torna o que somos, traduz nossa coetaneidade. (Bruno, Souza, Souza, 2024, p. 2)

Isso significa que as docências não se restringem a um campo pertencente aos professores, mas a todos/as que dele participam; por isso as docências integram também estudantes.

Neste movimento, para as nossas aulas/encontros docentes, elaboramos palestras com convidados, atividades externas, visitas culturais, ocupação de outros espaços, visitas a museus, parques, galerias de arte, exposições, praia, espaço de yoga e meditação, praças etc. para ampliação de conhecimento, repertório visual e artístico. Foram 15 encontros, a maioria deles fora da UNIRIO em que pudemos, como avaliado pelos/as participantes, romper com as aulas colonizadoras cotidianas e ampliar as possibilidades territoriais de experimentação docente.

Tal experiência convergiu com as narrativas dos docentes de arte, como veremos a seguir.

1. **CONVERSAS COM DOCENTES DE ARTE**

As narrativas, produzidas por meio da cartografia (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2015), com quatro professores (um do município de Duque de Caxias, aqui chamado de RF; outro do município do Rio de Janeiro, nomeado MI; uma do Estado do Rio de Janeiro, identificada como AM; e outra de instituição federal apresentada como NM), mostraram que nossos percursos pessoais e profissionais foram afetados: o ensino de arte, antes focado mais em experimentações artísticas, movimentos, artistas e obras, é agora cuidadoso ao processo presente, às memórias afetivas.

A arte contribui com autoconhecimento, decolonialidade, reconhecimento/percepção do território em que vivemos e com o (in)consciente, individual e coletivo, como aponta Barbosa (2022, p. 38) “podemos construir nossa história da arte a partir das lutas artísticas em busca da decolonialidade e assim instituir nossa cronologia sem nos submetermos a classificações e tipologias europeias”.

É fato que o que era um problema piorou com o tempo de isolamento. De acordo com RF e confirmada por MI, sobre o ensino básico, os recursos tecnológicos disponíveis não eram democráticos e acessíveis para todos e que dar aula para fundamental II e ter alunos com celular não significava e ainda não significa que eles tiveram e agora tenham acesso à internet ou mesmo memória suficiente no aparelho para baixar aplicativos. “Foi um momento dramático, porque os recursos que a gente já não tem, ficam muito na cara, muito visíveis.” (RF, 2023).

AM relembra que os materiais disponíveis para estudos eram fracos e que acabava produzindo áudios explicativos e *podcast*, mas o retorno era ruim. Metade fazia e outra metade desenvolvia as atividades propostas em apostilas disponibilizadas.

No Ensino superior, MN relata que a dificuldade inicial se deu pela falta de experiência com EAD/remoto, o que a estimulou a pensar novas possibilidades e estratégias, recorrendo inclusive a outros colegas de várias instituições e estados brasileiros com quem partilhou suas aulas, ampliando o repertório dos alunos com outras falas, histórias e conexões com culturas e instituições. "Eu tive que aprender! Falar dentro de diversas pautas sociais da arte, foi um negócio muito fundamental. E, para isso, trazer as diferentes identidades, diferentes posturas, diferentes perfis. Para mim foi um marco. Eles tiveram que fazer uma imersão cultural” (NM), com intuito, inclusive, a partir da fala de NM, “tomar conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos” (Morin, 2011, p. 16).

Por fim, falta de internet, fome (muitos estudantes comiam na instituição), clausura, busca de aplicativos para sanar lacunas da ausência de encontros presenciais e práticos e, especialmente: revistas e reflexões constantes sobre as práticas docentes, os espaços ocupados para ensino de arte, instrumentos utilizados e alunos envolvidos, cada um com sua realidade, fragilidade e limitações, foram comuns aos pesquisados e convergentes com nossa prática docente e como pesquisadoras.

**CONCLUSÃO**

Percebemos que durante nossa atuação docente recorremos a várias metodologias e referenciais. Um conjunto de ações que nos movem e nos (re)constroem constantemente, desafiando práticas e conhecimentos, com deslocamentos necessários e precisam ser mais flexíveis e se não são, deveriam.

A pesquisa, as trocas com os/as pesquisados, outros/as educadores de áreas diferentes, museólogos, ativistas, convidados/as e estudantes, conseguimos uma interlocução mediada pela arte que nos fez refletir sobre as dificuldades vividas a partir da pandemia e como as práticas docentes contemporâneas foram ressignificadas; ou deveriam.

Para Morin (2003, p.20)

Todas as reformas concebidas até o presente giraram em torno desse buraco negro em que se encontra a profunda carência de nossas mentes, de nossa sociedade, de nosso tempo e, em decorrência, de nosso ensino. Elas não perceberam a existência desse buraco negro, porque provêm de um tipo de inteligência que precisa ser reformada. A reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino.

A dúvida apresentada acerca das práticas docentes se deve ao alerta de Morin, ou seja, a necessidade da reforma não do ensino, do currículo, mas do pensamento. Portanto, perceber culturas/saberes fora dos espaços escolares/ancestrais como válidos, são propostas que ficam mais latentes em uma educação decolonial e, se mediada pela arte, em movimentos inter e transdisciplinares, pode estimular um olhar cada vez mais acolhedor e atencioso para diferentes culturas, terminologias e práticas diárias que precisam ser questionadas, modificando os valores da própria existência.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARBOSA, Ana Mae. Lutas pela decolonização da arte e da educação. Revista VIS v. 21, n. 2, JUL/DEZ 2022, Anais #21.Art. Link de acesso: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/article/view/48415/36963> . Último acesso em 28/09/2023.

BRUNO, Adriana Rocha. A aprendizagem do educador: estratégias para a construção de uma didática online. Tese de doutorado. PUCSP, 2007. Link de acesso: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/9974/1/Adriana%20Rocha%20Bruno.pdf> . Último acesso em 15/08/2023.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Formação de professores na cultura digital: aprendizagens do adulto, educação aberta, emoções e docências. Salvador/BA: EDUFBA, 2021.

BRUNO, Adriana Rocha; SOUZA, Bianca Dias de; SOUZA, Káren Taloana Florêncio. (TRANS)FORMAÇÕES NAS DOCÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS: INTERFACES COM A CULTURA DIGITAL, A DECOLONIALIDADE E A LINGUAGEM EMOCIONAL. **Revista Docência e Cibercultura**, *[S. l.]*, v. 8, n. 3, p. 01–15, 2024. DOI: 10.12957/redoc.2023.76971. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/76971. Acesso em: 31 maio. 2024.

MORIN, E. A cabeça bem feita. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_\_\_\_. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2011.

PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia, ESCÓSSIA, Liliana (orgs). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.